Tiros certeiros:

a violência armada nos primeiros

100 dias

dos novos governos



FOGOCRUZADO

Tiros certeiros:
a violência armada nos primeiros 100 dias
dos novos governos

Instituto Fogo Cruzado

Cecília Olliveira
Diretora executiva

Maria Isabel Couto
Diretora de dados e transparência

Marianna Araujo
Diretora de comunicação e inovação

Gestão

Davi Arloy
Coordenador de gestão

Letícia Wolowski
Assistente de gestão

Roberta Mello
Assistente da diretoria

Comunicação

Diogo Santos
Coordenador de comunicação de impacto

Yuri Eiras
Redator

Juliana Aguiar
Analista de redes

Gabrielli Thomaz
Assessora de imprensa

Maria Auxiliadora Santos
Assessora de imprensa (BA)

Lory Costa
Designer

Dados e pesquisa

Terine Coelho
Coordenadora de pesquisa

Íris Rosa
Assistente de pesquisa

Rafael Coletto
Assistente de dados

Davi Santos
Analista de TI

Equipe BA

Tailane Muniz
Coordenadora

Brigitte Barreiro
Ominlandê Onawale
Maiara Pedral
Vanessa Rocha
Analistas de dados

Equipe PE

Ana Maria França
Coordenadora

Dália Celeste
Katarina Scervino
Paula Napolião
Analistas de dados

Equipe RJ

Carlos Nhanga
Coordenador

Dandara Franco
Laerte Breno
Mayara Mangifeste
Michel Rosa
Olívia Kerhsbaumer
Analistas de dados

#FOGOCRUZADO

sumário

Tiros certeiros: a violência armada nos primeiros 100 dias dos novos governos — Página 04

Indicadores Comparados — Página 11

Indicadores **Pernambuco** — Página 16

Indicadores **Bahia** — Página 19

Indicadores **Rio de Janeiro** — Página 22

Metodologia — Página 25

Sobre os Parceiros — Página 27

Clique para acessar o conteúdo

Tiros certeiros:

a violência armada nos primeiros 100 dias dos novos governos

O presidente Lula visitava o Rio de Janeiro em agenda oficial, quando uma operação liderada por policiais civis **terminou em chacina com 13 mortos**. As notícias na imprensa informam que além das 13 pessoas mortas, três "moradores" ficaram feridos, entre eles duas mulheres. A distinção entre "mortos" e "moradores" é antiga na cobertura sobre segurança pública e significa que as fontes oficiais, ou seja, as polícias, determinaram os "inocentes" que foram baleados. No vocabulário da guerra às drogas, essa justificativa seria chamada de efeito colateral, tornando pessoas em números, e vítimas contabilizadas numa expectativa do massacre. A chacina aconteceu no Salgueiro, favela em São Gonçalo, região metropolitana do Rio de Janeiro, e não houve nenhuma manifestação pública pelo ocorrido por parte do governo federal.

Poucos dias depois da chacina no Salgueiro, outra ação policial resultou em tiroteio, mas bem distante do Rio de Janeiro. Uma criança de 6 anos foi atingida por **bala perdida no sofá de casa**, no bairro de Beiru - também conhecido como Tancredo Neves -, em Salvador, durante uma perseguição policial.

Na semana seguinte, outra bala perdida atingiu **uma criança de 7 anos**. Dessa vez No Grande Recife*. O crime aconteceu em Camaragibe. Ela estava em um bar quando aconteceram disparos que tinham como alvo um homem que também estava no local. Assim como em Salvador, a criança em Recife sobreviveu. Mas está entre as centenas de vítimas que todos os anos são atingidas numa dinâmica de violência armada muito conhecida: os tiros endereçados que atingem aqueles que estão em seu entorno.

Todos esses episódios aconteceram nos 100 primeiros dias de 2023. Para alguém desavisado, ou distraído, eles podem parecer exceções. Mas não são. Fazem parte de um cotidiano de violência armada que se repete

diariamente no Brasil. Cotidiano este que a população reconhece, porque é obrigada a enfrentá-lo todos os dias. Cotidiano que o Instituto Fogo Cruzado, há quase oito anos, ajuda a transformar em estatísticas, disponíveis para qualquer cidadão e também para os gestores públicos, com o objetivo de promover políticas públicas que, de uma vez por todas, priorizem a vida e o bem-estar da população.

Em janeiro deste ano, o Fogo Cruzado publicou relatórios com dados consolidados de 2022 para cada região metropolitana onde atua — Recife, Rio de Janeiro e Salvador. A conclusão geral era clara, embora cada conjunto de cidades tenha dinâmicas diferentes de violência letal, o número de vítimas de arma de fogo em todos os casos é inaceitável e deveria ser prioridade para as novas gestões estaduais que se iniciaram este ano. Os relatórios também mostram que a despeito das diferenças, há práticas e desafios que, na verdade, são problemas nacionais. A bala perdida, a alta letalidade em ações policiais, a falta de transparência na produção de dados sobre segurança pública são alguns deles.

Os dados produzidos pelos próprios governos, compilados pelo Monitor da Violência[1], — projeto fruto de parceria entre o G1, o Fórum Brasileiro de Segurança Pública e o Núcleo de Estudos de Violência da USP — ajudam a dimensionar a gravidade do quadro. Segundo a ferramenta, Bahia, Pernambuco e o Rio de Janeiro ocuparam respectivamente a 1ª, a 2ª e a 4ª colocação no ranking de estados com o maior número de mortes violentas do país em 2022. Pernambuco e Bahia, nesta ordem, lideraram também o ranking que pondera o número de mortes a cada 100 mil habitantes.

Os indicadores produzidos pelo Fogo Cruzado indicam pouca ou nenhuma melhora, passados 100 dias de governo. A média diária de tiros permanece basicamente a mesma. E, nos casos de Pernambuco e Rio de Janeiro, a média diária de baleados aumentou respectivamente 6% e 15%, em relação ao patamar de 2022. A atuação violenta das polícias, em nome da segurança pública, promove ainda mais violência e mortes. Perseguições

1. Acessívelem:https://especiais.g1.globo.com/monitor-da-violencia/2018/mortes-violentas-no-brasil/?_ga=2.111521606.39627770.1645009397-53a16975-f105-054e-b932-61d74d3dcadd#/dados-mensais-2021?mes_2021=consolidado&estado=RJ&crime=Todos%20os%20crimes%20violentos.

com tiros nas ruas de Salvador e chacinas policiais alarmantes no Rio de Janeiro são episódios de rotina, e não exceção. No Grande Recife, a violência armada entra nas residências: é alto o número de pessoas baleadas em casa, realidade de um cotidiano violento que tira o sono e a paz dos pernambucanos. Os novos governos assumiram, mas pouco fizeram diante desta trágica realidade. Estamos acostumados a conviver com o alto número de tiroteios e de vítimas?

Nas três regiões metropolitanas — Rio, Recife e Salvador —, a violência armada ameaça o futuro do país. **As balas atingem em média 2 crianças ou adolescentes a cada 3 dias.**

Mas o que pode ser feito para mudar esta situação? O primeiro passo é reconhecer que este problema não é novo. O Brasil é o país onde mais pessoas são assassinadas no mundo a cada ano[2]. E a maioria delas — no mínimo 7 em cada 10 — são vítimas de armas de fogo. As mortes violentas são um problema que atravessa toda a nossa história. Em 25 anos — entre 1996 e 2020 —, quase 1 milhão de pessoas foram mortas à bala em todo o país[3]. A cada 24 horas, 106 pessoas perderam a vida para as armas. A segurança pública se tornou uma das maiores preocupações dos brasileiros. O risco de ser a próxima vítima ou ter familiares e amigos vitimados pela violência armada constrói camadas de medo e traumas na população.

Sendo este um problema tão grave, como é possível que ele se perpetue há tantos anos? O que justifica que sucessivos governos, no plano federal e estadual, de diferentes orientações políticas, sejam incapazes de oferecer soluções sustentáveis capazes de, uma vez por todas, proteger a vida das pessoas?

A resposta para esta pergunta é difícil. São muitas as razões que tornam as mortes violentas no Brasil um problema complexo de enfrentar. Elas estão relacionadas, por exemplo, a interesses políticos, a redes globais de

2. Global Study on Homicide, 2019 (UNODC). Disponível em: https://www.unodc.org/unodc/en/data-and-analysis/global-study-on-homicide.html

3. Dados do Sistema de Informações sobre Mortalidade do Datasus (SIM). Disponíveis em: http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/deftohtm.exe?sim/cnv/obt10uf.def. Acessado em: 01/04/23

mercados legais e ilegais, à estruturação das instituições do nosso sistema de justiça criminal e à construção histórica de um país com possibilidades de vida desiguais, e que o faz também a partir da gestão da morte, distribuída de modo racialmente orientada, entre outros fatores. Mas existe um elemento central que atravessa todas essas razões: a falta de informações.

No Brasil, historicamente, tratamos o tema da segurança pública com sigilo. O Relatório da Transparência da Segurança Pública Brasil[4] (Winogron, 2016) avaliou informações sobre essa temática disponibilizadas por todos os estados da federação e chegou à conclusão de que apenas 18% das informações que especialistas julgam necessárias para promover a transparência e a participação da sociedade nesta área são divulgadas pelos estados. Esta conclusão certamente traduz o sentimento de pesquisadores e gestores públicos que no exercício das suas tarefas enfrentam enormes dificuldades de encontrar informações sistematizadas, que permitam construir um diagnóstico dos problemas encontrados.

Os chamados dados oficiais de segurança pública, aqueles produzidos e divulgados pelos governos — em geral, por secretarias estaduais de segurança — se restringem, em grande medida, a estatísticas de crimes reportados em delegacias. Mas, quem vive nas grandes cidades brasileiras sabe que muitos crimes cometidos com armas de fogo jamais são registrados em delegacias, bem como muitas das violências cometidas pelas polícias. Muitas vezes conseguimos encontrar informações sobre a quantidade de veículos roubados ou de pessoas assassinadas. E, algumas vezes, conseguimos encontrar informações sobre o perfil de vítimas de homicídio — sobretudo gênero e faixa etária — e instrumentos utilizados para cometer o crime. Mas quando precisamos ir além, as informações tornam-se escassas, se não inexistentes. Dados sistematizados sobre a cor das vítimas, o perfil dos ofensores, o local e o motivo dos crimes, entre outros, quando existem, são raramente compartilhados com a sociedade. Ainda pior é o compartilhamento de dados referentes à implementação de políticas públicas. Informações sobre a atuação das polícias, do Ministério Público e dos

4. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-temporarias/especiais/55a-legislatura/pl-2438-15-enfrentamento-ao-homicidio-de-jovens/documentos/audiencias-publicas/relatorio-da-transparencia-publica-alberto

Tribunais de Justiça, são dificilmente sistematizadas. E quando o são, são dificilmente disponibilizadas para o escrutínio da sociedade civil.

Nesse contexto, informações importantes para entender como a violência armada afeta as nossas vidas, e se o que os governos têm feito para combatê-las está funcionando ou não, são tratadas com sigilo. Ou pior, não são produzidas. Mas como podemos combater algo que não conhecemos? Como solucionar um problema se conhecemos apenas seus sintomas ou efeitos e não as suas causas? A resposta para essa pergunta é fácil. Não podemos.

Sem um diagnóstico capaz de desenhar um retrato atual das mortes violentas no Brasil, as condições que permitem que elas se perpetuem ao longo de décadas e quais os impactos reais das políticas de redução das mortes violentas implementadas até hoje, jamais conseguiremos encontrar uma solução sustentável para esse problema. Este é o primeiro passo que os novos governos precisam dar.

Romper com a tendência de décadas de sigilo e má administração dos recursos públicos é o que se espera dos novos governos. Se quiserem reconquistar a confiança dos cidadãos, os governantes precisarão mudar suas condutas e construir governos mais transparentes, profissionais e participativos.

Até o momento, as ações apresentadas na Bahia, em Pernambuco e no Rio de Janeiro estão aquém das expectativas. Para dizer a verdade, seria injusto demandar a implementação de novas políticas de segurança e mensurar seus resultados em tão pouco tempo. Mas 100 dias é tempo o suficiente para promover mais transparência e diálogo com a sociedade. No entanto, infelizmente, pouco ou quase nada pode ser dito em termos de evolução nesses três estados.

Na Bahia, o cenário de transparência permanece o mesmo. Não apenas a qualidade das estatísticas divulgadas é baixa, como até o final de março,

nenhuma estatística referente a 2023 havia sido divulgada. O Boletim Diário de homicídios tentados e consumados, ferramenta muito utilizada pela imprensa, também teve seu acesso restringido há meses.

Em Pernambuco, o governo iniciou tomando as mesmas medidas de seu antecessor. Se recusou a receber e dialogar com as propostas desenhadas pelo Fórum Popular de Segurança Pública e, em apenas dois meses, adotou o sigilo como estratégia na segurança. Após duras críticas da sociedade civil, a atual governadora anunciou a antecipação da publicação das estatísticas oficiais até o dia 5 do mês seguinte e também a publicação de estatísticas sobre homicídios decorrentes de intervenção policial, anteriormente não divulgados. As medidas, embora importantes, são insuficientes. Especialmente quando se considera que Pernambuco é um dos estados que possui os melhores dados de homicídios produzidos no país, segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública[5]. As informações existem, nesse caso o que há é falta de vontade política de compartilhá-las com a sociedade, de forma a permitir que mais gente consiga ajudar a pensar em soluções para problemas crônicos no estado.

Por fim, o estado do Rio de Janeiro se ancora há anos na existência do Instituto de Segurança Pública e na publicação ativa e sistemática de algumas estatísticas criminais. Embora esta seja uma política importante, que deveria ser adotada por todos os estados, ela não é suficiente. Há anos o estado não investe e não amplia sua política de transparência. Pelo contrário, relatórios como o de balas perdidas foram descontinuados. O estado se recusa a produzir informações sobre a atuação das suas próprias polícias, mesmo diante de determinações do Supremo Tribunal Federal. E informações valiosas, produzidas pela sociedade civil, são rechaçadas pelos sucessivos governos.

Diante da falta de iniciativa dos governos em promover transparência, participação e políticas públicas baseadas em evidências, a sociedade civil assumiu a dianteira. Organizações como o Instituto Fogo Cruzado, a Inicia-

5. A metodologia criada pelo FBSP e o Laboratório de Análise da Violência da UERJ identificou, em 2021, Pernambuco como o 3º estado do país com os melhores dados de homicídios. Disposível em: https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/10/anuario-15-completo-v7-251021.pdf

tiva Negra por uma Nova Política Sobre Drogas e o Gabinete de Assessoria Jurídica às Organizações Populares — parceiros do Fogo Cruzado na Bahia e em Pernambuco, respectivamente — têm buscado preencher esse vácuo de informações de interesse público. Comprovamos que a falta de informações é muitas vezes proposital. E que a sociedade civil é capaz de produzir dados sobre segurança pública a partir das informações que circulam entre nós com qualidade e confiança.

Revelamos o que os governos tentam esconder. Afinal de contas, a não sistematização de dados que nos permitam produzir novas respostas às questões de violência no Brasil é parte integrante de um projeto de Estado que distribui e gerencia mortes como forma de manutenção de um modelo de privilégios e hierarquia racial. Reafirmamos, aqui, nosso compromisso com a publicação sistemática de informações pertinentes para a população. Criamos uma metodologia capaz de coletar informações sobre episódios diários de tiroteios e transformá-las em dados, disponíveis para qualquer cidadão.

Nas próximas páginas, apresentaremos os resultados dos principais indicadores monitorados pelo Instituto Fogo Cruzado nos primeiros 100 dias dos novos governos nas regiões metropolitanas do Recife, Rio de Janeiro e Salvador. O propósito desses dados é claro e simples. Não podemos mudar o que não conhecemos. Resolver o problema da violência armada e proteger a população depende, em primeiro lugar, de um diagnóstico correto. Esperamos que os novos governos, finalmente compreendam que o que está por trás da publicação desses dados é o desejo de ajudar a melhorar a vida da população. E esperamos que usem esses dados para embasar suas políticas. Mas não apenas, esperamos que se inspirem e melhorem suas próprias produções de dados e sua capacidade de compartilhá-los com a sociedade.

100 dias 2023

01 de janeiro a 26 de março

INDICADORES BÁSICOS COMPARADOS



Pernambuco

Bahia

Rio de Janeiro

Dados dos 3 estados

TIROTEIOS/DISPAROS

Pernambuco	Bahia	Rio de Janeiro
497	396	1014
28 Em ações/operações policiais	128 Em ações/operações policiais	393 Em ações/operações policiais
06% Em ações/ operações policiais (%)	32% Em ações/ operações policiais (%)	39% Em ações/ operações policiais (%)

TOTAL DE BALEADOS

Pernambuco	Bahia	Rio de Janeiro
599	365	634
409 Mortos | 150 Feridos	294 Mortos | 71 Feridos	313 Mortos | 321 Feridos
29 Baleados em ações/ operações	109 Baleados em ações/ operações	391 Baleados em ações/ operações
05% Baleados em ações/ operações (%)	30% Baleados em ações/ operações (%)	62% Baleados em ações/ operações (%)

GÊNERO

04 Não identificados

507 Homens Baleados

91% em relação ao total



48 Mulheres Baleadas

09% em relação ao total



09 Não identificados

317 Homens Baleados

87% em relação ao total



39 Mulheres Baleadas

11% em relação ao total



11 Não identificados

580 Homens Baleados

91% em relação ao total



43 Mulheres Baleadas

07% em relação ao total



FAIXA ETÁRIA

14 Não identificados

515 Adultos Baleados

92% em relação ao total



05 Idosos Baleados

02 Crianças Baleadas

23 Adolescentes Baleadas

03 Não identificados

335 Adultos Baleados

92% em relação ao total



11 Idosos Baleados

06 Crianças Baleadas

10 Adolescentes Baleadas

01 Não identificados

595 Adultos Baleados

94% em relação ao total



11 Idosos Baleados

11 Crianças Baleadas

16 Adolescentes Baleadas

Bahia Pernambuco Rio de Janeiro

RAÇA

316 Não identificados

57% em relação ao total



51 Raça Branca

192 Raça Negra

Razão negro/branco = 4

257 Não identificados

70% em relação ao total



14 Raça Branca

94 Raça Negra

Razão negro/branco = 7

549 Não identificados

87% em relação ao total



38 Raça Branca

47 Raça Negra

Razão negro/branco = 1

MOTIVOS

	PERNAMBUCO	BAHIA	RIO DE JANEIRO
Ação/operação policial	28	128	393
Ataque a civis	0	6	10
Briga	9	4	12
Disparo Acidental	0	2	1
Disputa	2	58	56
Homicidio/Tentativa	438	187	105
Rebelião/Fuga de presos	1	1	0
Sequestro/Cárcere Privado	0	3	7
Suicídio	0	1	0
Tentativa/Roubo	28	44	74
Tiros a esmo	0	5	17
Tortura	1	1	4

Bahia Pernambuco Rio de Janeiro

CHACINAS

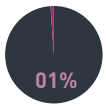
01 Chacinas

01 Em ações/ operações policiais



Em ações/ operações policiais (%)

03 Mortos em Chacinas



% em relação ao total de mortos

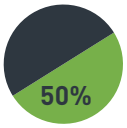
03 Mortos em chacinas policiais



% e relação ao total de mortos em chacinas

10 Chacinas

05 Em ações/ operações policiais



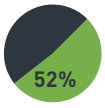
Em ações/ operações policiais (%)

33 Mortos em Chacinas



% em relação ao total de mortos

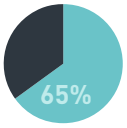
17 Mortos em chacinas policiais



% e relação ao total de mortos em chacinas

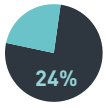
20 Chacinas

13 Em ações/ operações policiais



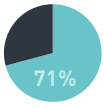
Em ações/ operações policiais (%)

75 Mortos em Chacinas



% em relação ao total de mortos

53 Mortos em chacinas policiais



% e relação ao total de mortos em chacinas

Bahia Pernambuco Rio de Janeiro

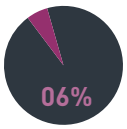
BALAS PERDIDAS

17 Vítimas de Balas Perdidas

02 Mortos

15 Feridos

01 Vítimas de bala perdida em ações/ operações



Vítimas de bala perdida em ações/ operações (%)

19 Vítimas de Balas Perdidas

05 Mortos

14 Feridos

06 Vítimas de bala perdida em ações/ operações



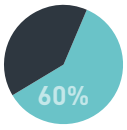
Vítimas de bala perdida em ações/ operações (%)

52 Vítimas de Balas Perdidas

16 Mortos

36 Feridos

31 Vítimas de bala perdida em ações/ operações



Vítimas de bala perdida em ações/ operações (%)

Bahia Pernambuco Rio de Janeiro

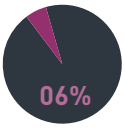
Pernambuco

Dados do estado

TIROTEIOS/DISPAROS

497

28 Em ações/operações policiais



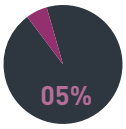
Em ações/ operações policiais (%)

TOTAL DE BALEADOS

599

409 Mortos | **150** Feridos

29 Baleados em ações/ operações



Baleados em ações/ operações (%)

MOTIVOS

- Homicidio/Tentativa > 438
- Ação/operação policial > 28
- Tentativa/Roubo > 28
- Briga > 9
- Disputa > 2
- Rebelião/Fuga de presos > 1
- Tortura > 1
- Ataque a civis > 0
- Disparo Acidental > 0
- Sequestro/Cárcere Privado > 0
- Suicídio > 0
- Tiros a esmo > 0

PERFIL DAS VÍTIMAS

GÊNERO

04 Não identificados

507 Homens Baleados

91% em relação ao total



48 Mulheres Baleadas

09% em relação ao total



FAIXA ETÁRIA

14 Não identificados

515 Adultos Baleados

92% em relação ao total



05 Idosos Baleados

02 Crianças Baleadas

23 Adolescentes Baleadas

RAÇA

316 Não identificados

57% em relação ao total



51 Raça Branca

192 Raça Negra

Razão negro/branco = 4

OCUPAÇÃO

Entregador/ Motoboy	Motorista de aplicativo	Mototaxista	Rifeiro	Político	Vendedor ambulante	Agente de segurança
05	06	03	0	0	03	04

LOCAL

Bar/evento	Barbearia	Presídio	Residência	Transporte público	Unidade de ensino
17	10	8	68	0	01

CHACINAS

01 Chacinas

01 Em ações/ operações policiais

100% Em ações/ operações policiais (%)

03 Mortos em Chacinas

01% % em relação ao total de mortos

03 Mortos em chacinas policiais

100% % e relação ao total de mortos em chacinas

BALAS PERDIDAS

17 Vítimas de Balas Perdidas

02 Mortos

15 Feridos

01 Vítimas de bala perdida em ações/ operações

06% Vítimas de bala perdida em ações/ operações (%)

SOB RODAS

03 Ataques armados sob rodas

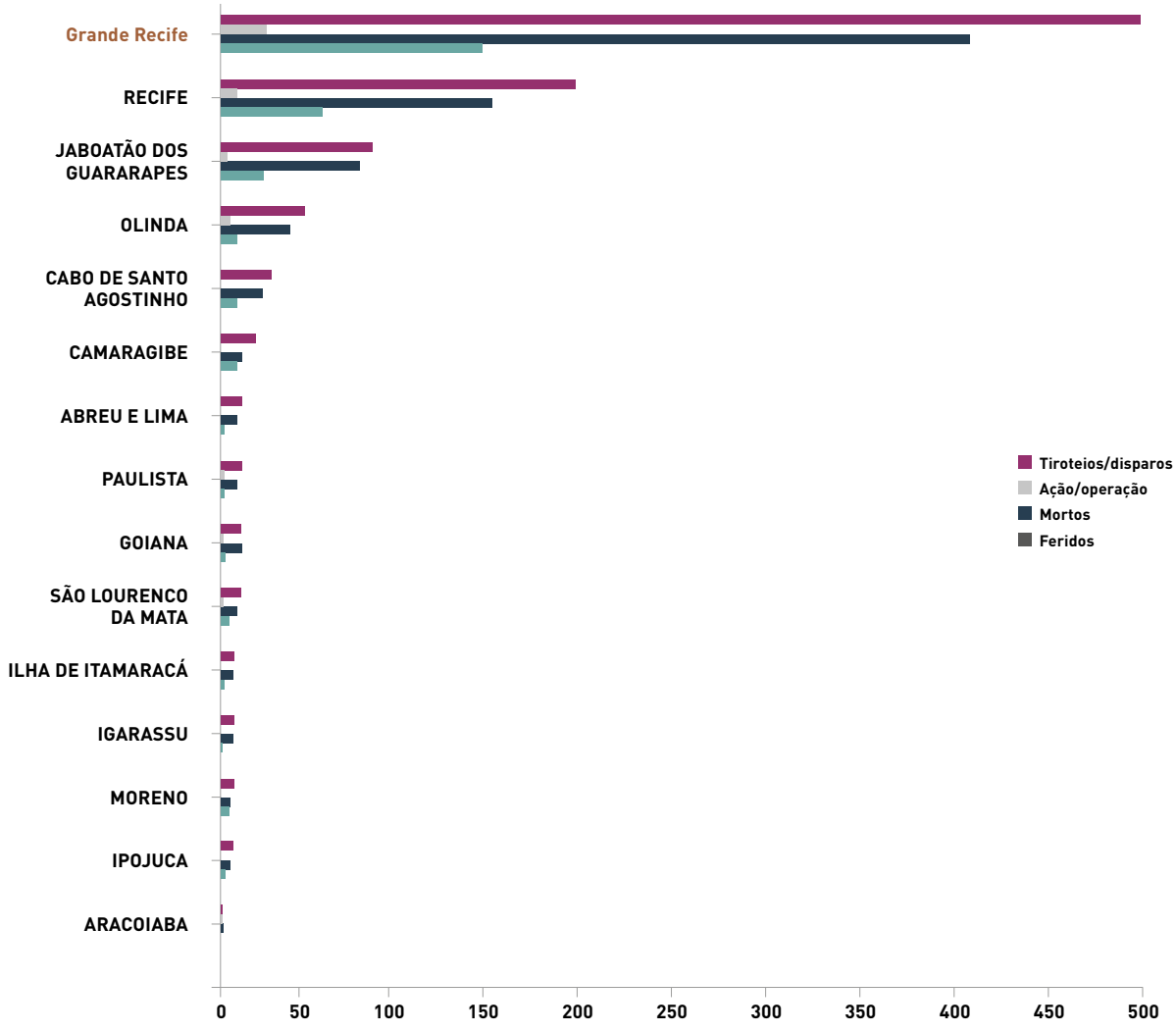
PERSEGUIÇÕES

08

08 Em ações/ operações policiais

100% Em ações/ operações policiais (%)

GRÁFICO DE CIDADES





Bahia

Dados do estado

TIROTEIOS/DISPAROS

396

128 Em ações/operações policiais



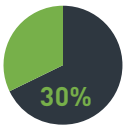
Em ações/ operações policiais (%)

TOTAL DE BALEADOS

365

294 Mortos | **71** Feridos

109 Baleados em ações/ operações



Baleados em ações/ operações (%)

MOTIVOS

- Homicidio/Tentativa > 187
- Ação/operação policial > 128
- Disputa > 58
- Tentativa/Roubo > 44
- Ataque a civis > 6
- Tiros a esmo > 5
- Briga > 4
- Sequestro/Cárcere Privado > 3
- Disparo Acidental > 2
- Rebelião/Fuga de presos > 1
- Suicídio > 1
- Tortura > 1

PERFIL DAS VÍTIMAS

GÊNERO

09 Não identificados

317 Homens Baleados

87% em relação ao total



39 Mulheres Baleadas

11% em relação ao total



FAIXA ETÁRIA

03 Não identificados

335 Adultos Baleados

92% em relação ao total



11 Idosos Baleados

06 Crianças Baleadas

10 Adolescentes Baleadas

RAÇA

257 Não identificados

70% em relação ao total



14 Raça Branca

94 Raça Negra

Razão negro/branco = 7

OCUPAÇÃO

Entregador/ Motoboy	Motorista de aplicativo	Mototaxista	Rifeiro	Político	Vendedor ambulante	Agente de segurança
0	01	06	01	0	04	10

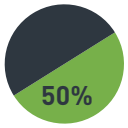
LOCAL

Bar/evento	Barbearia	Presídio	Residência	Transporte público	Unidade de ensino
33	0	0	30	01	0

CHACINAS

10 Chacinas

05 Em ações/ operações policiais



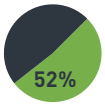
Em ações/ operações policiais (%)

33 Mortos em Chacinas



% em relação ao total de mortos

17 Mortos em chacinas policiais



% e relação ao total de mortos em chacinas

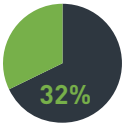
BALAS PERDIDAS

19 Vítimas de Balas Perdidas

05 Mortos

14 Feridos

06 Vítimas de bala perdida em ações/ operações



Vítimas de bala perdida em ações/ operações (%)

SOB RODAS

12 Ataques armados sob rodas

PERSEGUIÇÕES

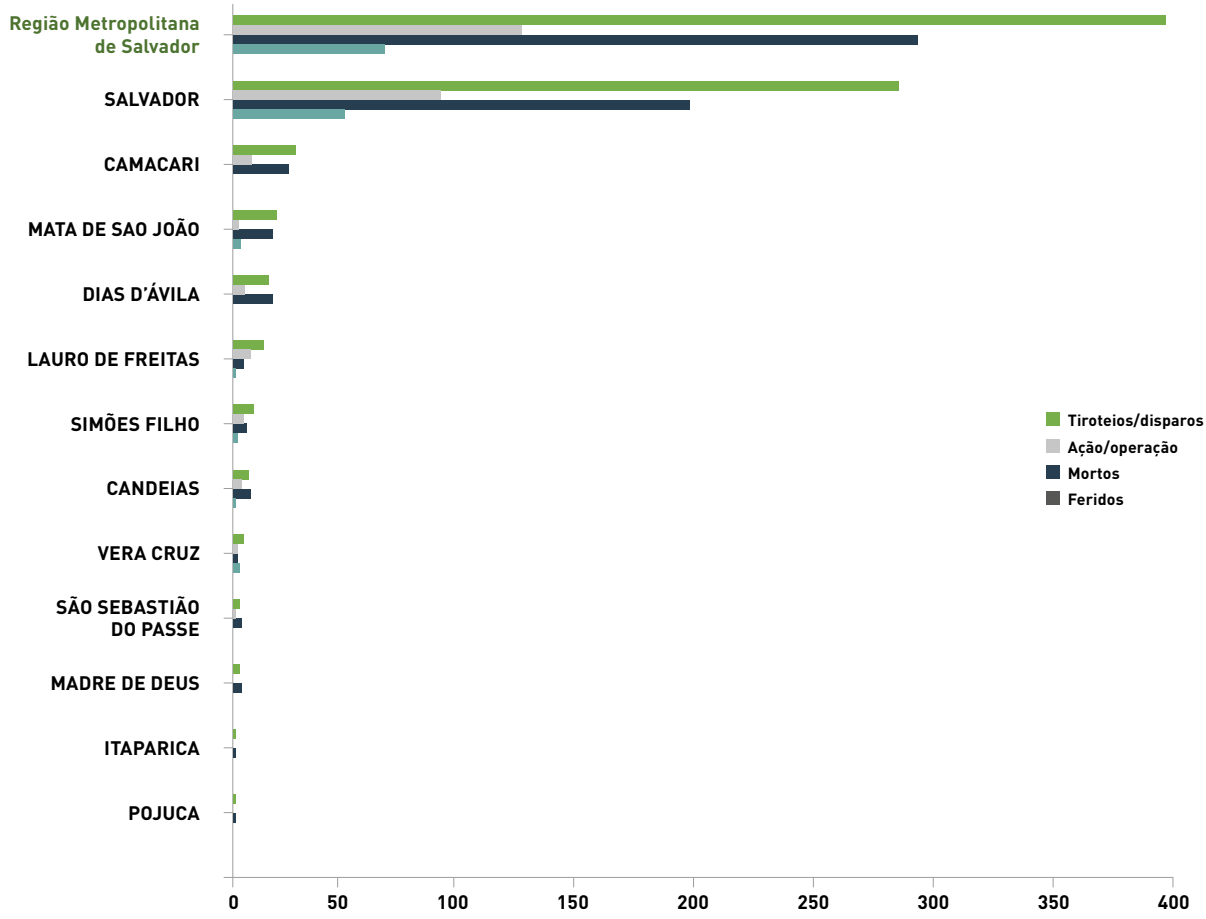
31

29 Em ações/ operações policiais



Em ações/ operações policiais (%)

GRÁFICO DE CIDADES



Rio de Janeiro

Dados do estado

TIROTEIOS/DISPAROS

1014

393 Em ações/operações policiais



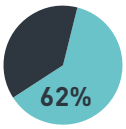
Em ações/ operações policiais (%)

TOTAL DE BALEADOS

634

313 Mortos | **321** Feridos

391 Baleados em ações/ operações



Baleados em ações/ operações (%)

MOTIVOS

- Ação/operação policial > 393
- Homicidio/Tentativa > 105
- Tentativa/Roubo > 74
- Disputa > 56
- Tiros a esmo > 17
- Briga > 12
- Ataque a civis > 10
- Sequestro/Cárcere Privado > 7
- Tortura > 4
- Disparo Acidental > 1
- Rebelião/Fuga de presos > 0
- Suicídio > 0

PERFIL DAS VÍTIMAS

GÊNERO

11 Não identificados

580 Homens Baleados

91% em relação ao total



43 Mulheres Baleadas

07% em relação ao total



FAIXA ETÁRIA

01 Não identificados

595 Adultos Baleados

94% em relação ao total



11 Idosos Baleados

11 Crianças Baleadas

16 Adolescentes Baleadas

RAÇA

549 Não identificados

87% em relação ao total



38 Raça Branca

47 Raça Negra

Razão negro/branco = 1

OCUPAÇÃO

Entregador/ Motoboy	Motorista de aplicativo	Mototaxista	Rifeiro	Político	Vendedor ambulante	Agente de segurança
06	02	06	0	01	05	39

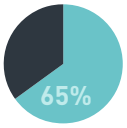
LOCAL

Bar/evento	Barbearia	Presídio	Residência	Transporte público	Unidade de ensino
45	02	0	19	03	0

CHACINAS

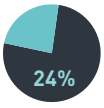
20 Chacinas

13 Em ações/ operações policiais



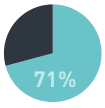
Em ações/ operações policiais (%)

75 Mortos em Chacinas



% em relação ao total de mortos

53 Mortos em chacinas policiais



% e relação ao total de mortos em chacinas

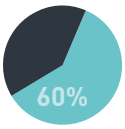
BALAS PERDIDAS

52 Vítimas de Balas Perdidas

16 Mortos

36 Feridos

31 Vítimas de bala perdida em ações/ operações



Vítimas de bala perdida em ações/ operações (%)

SOB RODAS

11 Ataques armados sob rodas

PERSEGUIÇÕES

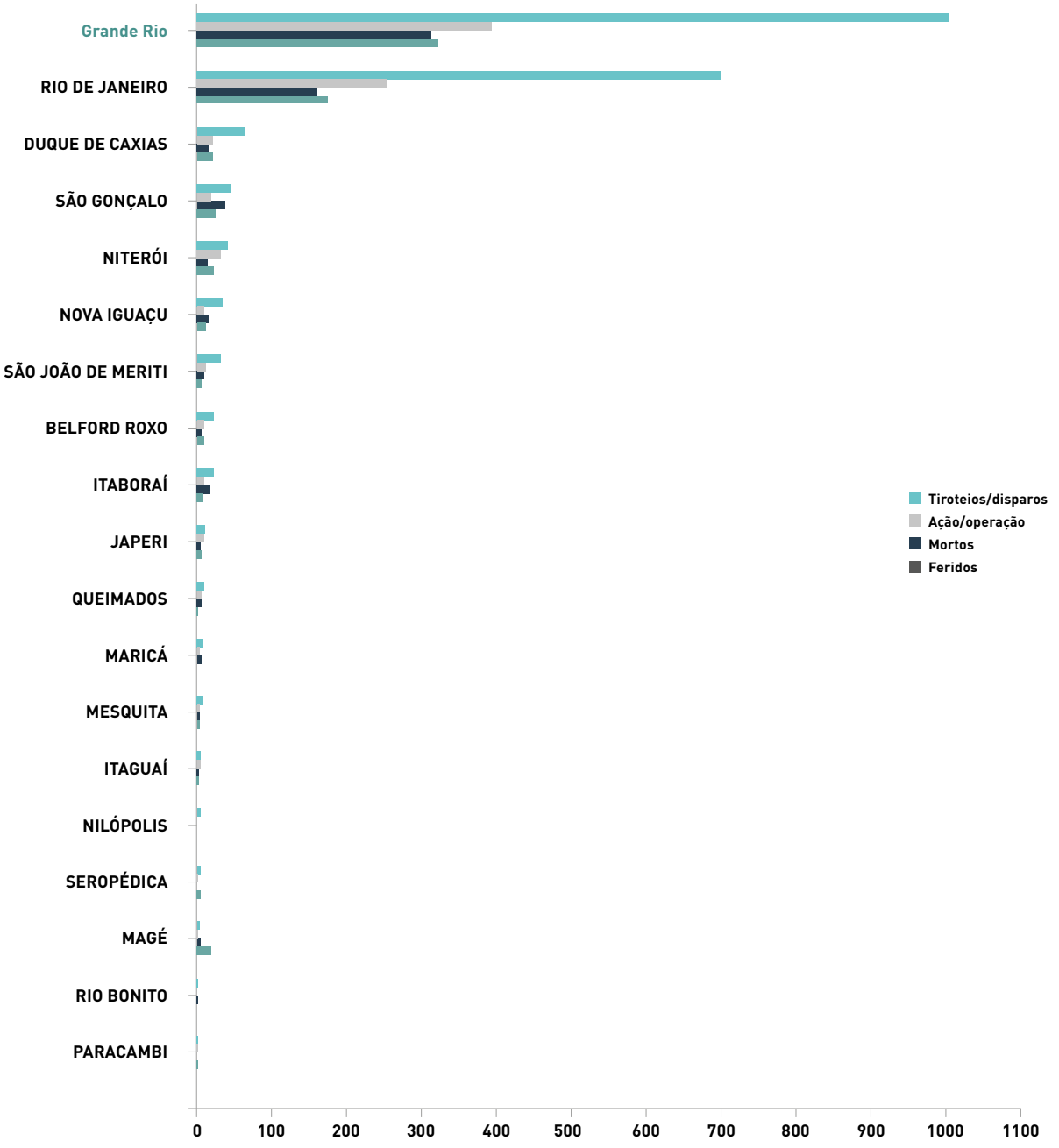
25

23 Em ações/ operações policiais



Em ações/ operações policiais (%)

GRÁFICO DE CIDADES



Metodologia

O Instituto Fogo Cruzado criou uma metodologia inédita para o registro colaborativo e sistemático de episódios de violência armada e suas consequências. Atualmente a organização atua nas regiões metropolitanas de Recife, Rio de Janeiro e Salvador. Essa iniciativa desponta no cenário brasileiro pelo seu pioneirismo na combinação de duas estratégias bem-sucedidas:

- Promoção de autonomia da sociedade no registro da violência armada (em suas diversas circunstâncias);
- Curadoria, análise e divulgação responsável das informações, com mecanismos de checagem adequados que garantem confiabilidade aos dados.

A rotina do serviço prestado é baseada no tripé: coleta de dados sobre tiroteios, sistematização das informações em base de dados própria e disseminação do conhecimento produzido. Para tanto, o instituto disponibiliza um aplicativo gratuito exclusivo e site multifuncional e mantém forte presença nas redes sociais.

Cada região metropolitana onde o Fogo Cruzado atua conta com uma equipe responsável por monitorar, diariamente, casos de tiroteios através das nossas fontes. As informações são coletadas: 1) via usuários - através do aplicativo e redes sociais; 2) via imprensa e 3) via informações públicas dos órgãos de segurança.

Uma vez notificado sobre um tiroteio, o analista do Fogo Cruzado checa a veracidade da informação, de acordo com os critérios pré-estabelecidos pela organização, antes de cadastrá-la no banco de dados. Nessa etapa, os

analistas buscam analisar uma série de características dos episódios de violência armada, bem como avaliam marcadores geográficos e temporais para evitar duplicações.

Os dados sistematizados na base de dados sobre violência armada exclusiva do Fogo Cruzado são disponibilizados para a população em múltiplos formatos:

I. Em sua forma bruta através da API e da ferramenta de pesquisa da mesma.

II. Em forma de estatísticas através de ferramenta própria no site.

III. Em forma de indicadores de tendências em tempo real através de postagens em nossas redes sociais.

IV. Em forma de levantamentos temáticos através da seção de notícias do nosso site.

V. Em forma de levantamentos acumulados de períodos em nossos relatórios mensais, semestrais e anuais.

VI. E, finalmente, por e-mail sob demanda de jornalistas, organizações da sociedade civil, gestores públicos ou qualquer cidadão interessado.

Sobre o Fogo Cruzado

O Fogo Cruzado é um Instituto que usa tecnologia para produzir e divulgar dados abertos e colaborativos sobre violência armada, fortalecendo a democracia através da transformação social e da preservação da vida.

Com uma metodologia própria e inovadora, produzimos mais de 30 indicadores inéditos sobre violência nas regiões metropolitanas do Rio, do Recife e de Salvador.

Através de um aplicativo de celular, o Fogo Cruzado recebe e disponibiliza informações sobre tiroteios, checadas em tempo real, que formam o maior banco de dados aberto sobre violência armada da América Latina. Essas informações podem ser acessadas gratuitamente pela API do Instituto ou dos relatórios que produzimos mensalmente.

#FOGOCRUZADO

@fogocruzadobr @fogocruzado @fogocruzadorj
@fogocruzadoba
@fogocruzadope

Sobre o GAJOP

O Gabinete de Assessoria Jurídica às Organizações Populares (GAJOP) é uma entidade da sociedade civil, criada em 1981, que tem como missão "Defender e promover os Direitos Humanos, com foco no Acesso à Justiça e a Segurança, em especial, dos segmentos socialmente vulneráveis, através da Educação em Direitos Humanos, do Controle Social e do Monitoramento de Políticas Públicas, visando a construção de uma sociedade digna, justa e democrática". O GAJOP atua na defesa intransigente dos direitos humanos, a partir das linhas estratégicas: Acesso à Justiça; Sistema de Justiça Criminal; Educação em Direitos Humanos; Infância e Juventude.

GAJOP 40 ANOS DE LUTA POR DIREITOS HUMANOS

@gajop_ong @gajopdh

Sobre a Iniciativa Negra

A Iniciativa Negra por uma Nova Política sobre Drogas é uma organização da sociedade civil que atua, desde 2015, pela construção de uma agenda de justiça racial e econômica promovendo ações de advocacy em Direitos Humanos e propondo reformas na atual política de combate às drogas.

Inicialmente como um projeto, hoje a Iniciativa está consolidada como a primeira ONG negra do país a assumir o compromisso de diagnosticar e apontar soluções pacíficas para uma reforma da política sobre drogas a partir da perspectiva racial. Para nós, a chamada "guerra às drogas" no Brasil é a principal justificativa política para a manutenção da opressão racial sobre a população negra.

Com foco nas agendas nacionais e regionais de segurança pública, sistema de justiça e saúde mental, o trabalho da Iniciativa Negra consiste em fortalecer a democracia brasileira e assegurar os direitos de populações historicamente discriminadas, como negros, indígenas e habitantes de periferias.

INICIATIVA NEGRA

@iniciativa_negra @iniciativanegra

FOGOCRUZADO

Tiros certeiros:

a violência armada nos primeiros

100 dias

dos novos governos

@fogocruzadobr @fogocruzado @fogocruzadorj
@fogocruzadoba
@fogocruzadope